

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU  
EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**Jesileine da Silva Valério**

**ENTRE A LIERATURA E A MÚSICA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA  
A PARTIR DO LIVRO OBAX DE ANDRÉ NEVES**

Juiz De Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VALÉRIO, Jesileine da Silva.

TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL : ENTRE A LIERATURA E A MÚSICA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA A PARTIR DO LIVRO OBAX DE ANDRÉ NEVES / Jesileine da Silva VALÉRIO. – 2016.

51 f.

Orientador: Vinebaldo Aleixo de Souza FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2016.

1. Literatura. 2. Música. 3. Intevenção. 4. Obax. I. FILHO, Vinebaldo Aleixo de Souza, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU  
EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**Jesileine da Silva Valério**

**ENTRE A LIERATURA E A MÚSICA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA  
A PARTIR DO LIVRO OBAX DE ANDRÉ NEVES**

Monografia apresentada ao curso de Pós -  
graduação História da África, como requisito  
para obtenção do grau de especialista em  
análise ambiental da Universidade Federal de  
Juiz de Fora. Orientador: Msº Vinebaldo  
Aleixo de Souza Filho.

Juiz De Fora  
2017

EXAME DE MONOGRAFIA

**ENTRE A LIERATURA E A MÚSICA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA  
A PARTIR DO LIVRO OBAX DE ANDRÉ NEVES**

**Jesileine da Silva Valério**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Especialista em História da África

Banca de Avaliação:

Aprovada (o) em:

Prof. \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Resumo**

VALÉRIO, JESILEINE. Título: Intervenções Musicais Inseridas na Obra de André Neves “Obax”. Orientador: Profº Vinebaldo Aleixo de Souza Filho UFJF. ICH, 2017, para Monografia (Especialização em História da África). O presente trabalho tem como objetivo mostrar as possibilidades de interações musicais no livro de André Neves “Obax”, onde podemos através do mesmo, contribuir para inserção da lei 10.639/03, procurando fazer com que o aluno conheça o continente africano e suas potencialidades.

### **Palavras-Chave:**

Literatura, Música, Intervenção, Obax.

# SUMÁRIO

<b>1. PARTE I – Apresentação do Material Didático .....</b>	<b>07</b>
1.1. Introdução .....	07
1.2. Fundamentação Teórica .....	09
1.3. Biografia do Autor .....	11
1.4. O Livro Obax .....	12
1.4.1. Temática .....	14
1.4.2. Personagem .....	14
1.4.3. Trabalho com a Linguagem .....	14
1.4.4. Ilustração .....	14
1.5. Ficha de Leitura e Avaliação de Obras .....	15
1.5.1. Quanto ao Gênero .....	16
1.5.2. Quanto aos Aspectos Gerais .....	18
1.5.3. Quanto ao Trabalho Estético com a Linguagem .....	18
1.5.4. Quanto às Ilustrações .....	19
1.5.5. Quanto à Temática .....	19

1.5.6. Quanto à Construção dos Personagens .....	19
1.5.7. Quanto ao Discurso .....	19
1.5.8. Quanto ao Conjunto da Obra .....	20
1.6. Descrição e Recurso didático .....	20
1.7. Sugestões de Interação .....	21
1.8. Considerações Finais .....	22
<b>2. PARTE II – O Material Didático .....</b>	<b>24</b>
2.1. Interações Musicais no Conto Obax .....	24
2.1.1. Primeira parte da História .....	24
2.1.2. Segunda parte da História .....	26
2.1.3. Terceira parte da História .....	26
2.1.4. Quarta parte da História .....	28
2.2. Outras Possibilidades .....	29
2.3. Alguns Instrumentos Musicais Africanos .....	30
2.4. Criando alguns Instrumentos Musicais de Origem Africana .....	33
<b>3. PARTE III – Portfólio .....</b>	<b>36</b>

3.1.	História de vida e Memórias .....	36
3.2.	Repensando a aprendizagem .....	37
3.3.	Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas .....	39
3.4.	Considerações finais .....	45
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>



# 1. PARTE I – Apresentação do Material Didático

## 1.1. Introdução

Muitas vezes utilizamos a música e a contação de histórias dentro da sala de aula, e qual a razão? O uso da música por ser uma linguagem universal, e o uso da história por explorar a imaginação da criança, esses dois conteúdos são ferramentas para o ensino-aprendizagem, e porque não usar as duas ferramentas juntas? Para isso, elaboramos nosso material didático inspirado do conto *Obax*, de André Neves, que ilustrou e compôs sua história pensando no continente Africano. Exploraremos o conto *Obax*, intercalando-o com músicas africanas que selecionamos e iremos comentar mais à frente. O que possibilitará inserir diversas dinâmicas de musicalização ao longo do enredo.

O presente material didático objetiva enriquecer o trabalho do professor, que ao utilizar *Obax*, poderá colocar atividades lúdicas para desenvolver com os alunos, fugindo da tradicional forma ensino, crianças assentadas em fila e o professor passando a matéria no quadro. Além disso, como objetivo principal, este material didático é uma das inúmeras formas de aplicar a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, vivenciando o universo cultural africano e refletindo sobre a contribuição dos povos africanos e afro descendentes.

Este trabalho tem também como objetivos que o aluno se atente ao que para eles ainda é desconhecido, a África, suas particularidades e curiosidades, a música presente dentro da cultura africana, além de desenvolver capacidades como a imaginação, concentração, coordenação motora, apreciação, aprendendo sobre a cultura Afro-Brasileira de forma lúdica e cotidiana. Pouco se conhece sobre o continente africano, devido à pouca informação ou quase nenhuma nos livros escolares e na mídia. Segundo a Lei 10.639/03, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Pesquisando a respeito, chegamos à materiais onde destaca-se o pouco

conhecimento dos autores para tratar de África, ou ainda, observa-se a reprodução de informações distorcidas presentes em muitos livros didáticos, esta realidade vem transformando-se graças aos grupos de educadores, pesquisadores e integrantes dos movimentos negros, que tem trabalhado há várias décadas para exigir uma educação antirracista. Não obstante, há ainda muito que se fazer.

Quase nada conhecemos sobre a África, e o pouco que nos contam é sempre motivo de riso, de deboche, ou de indiferença. Cabe a nós educadores e educadoras, comprometidos (as) com o futuro de nossos (as) alunos (as), eliminar imagens negativas herdadas da literatura colonial e ainda presente em nós. (CARDOSO, 2014, p. 6)

O que pretendemos, é que a lei seja inserida e que o professor possa praticar com os alunos da melhor forma, sem reforçar estereótipos, com o intuito de desconstruir o que é passado principalmente pela mídia, de forma contraditória, a história do continente Africano.

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado. O professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão. (MUNANGA, 2005, p. 26)

Buscar material de forma que o aluno se reconheça é missão do professor, se a criança não se vê nos livros, nos filmes, nos desenhos, só faz crescer a sua não aceitação, procurar histórias como a do livro *Obax*, contar enfatizando a beleza da pequena menina, falar sobre a cultura africana e sua relação com a nossa história, fazer com que os alunos ouçam as músicas e brinque com elas, é uma forma de trazer para a sala de aula a riqueza e o fascínio das culturas africanas, elementos que eles ainda não estão acostumados a conhecer. Podemos trabalhar também a questão racial que está muito presente na sala de aula, alunos que não se reconhecem como negros, crianças com cabelos crespos que não se aceitam. Um material muito interessante a respeito, que tiramos como base para o nosso trabalho é o Projeto Educativo África: Contos, Brinquedos e Brincadeiras, que trabalha de forma lúdica, abordando com as crianças o racismo na infância, através da música, da dança, do teatro, das rodas de conversa, procurando resgatar a valorização da

cultura negra, é um projeto bem próximo do que estamos desenvolvendo porque assim como nós, os idealizadores usaram as mesmas linguagens e para a mesma faixa etária.

Os contos oferecidos as crianças são na maioria européia e as bonecas não representam o biótipo da população que descende dos povos africanos, tão pouco dos indígenas. Neste sentido este projeto África: Contos, Brinquedos, e Brincadeiras, buscaram semear atitudes positivas, pela via do lúdico e do afeto, estimular a admiração, o encantamento pela estética e pelo imaginário africano, e Afro – Descendente. Brincadeiras, brinquedos, cantigas, e muita contação de histórias que falem e se refiram ao universo africano, sem desconsiderar a contribuição dos outros povos. (CARDOSO, 2014, p.8)

## 1.2. Fundamentação Teórica

Para realização deste trabalho, selecionamos alguns autores para o nosso embasamento teórico, além de dialogar com alguns deles, num primeiro momento, a leitura foi voltada para as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. As *Diretrizes* nos deixam clara a necessidade deste conteúdo ser inserido dentro da sala de aula, sem que seja exposto somente em datas isoladas como acontece no mês de novembro com a “semana da consciência negra” que tem sua importância, mas que se perdeu ao longo dos anos, a partir do momento que a escola começou a desenvolver as mesmas atividades, sem uma finalidade. Enquanto as transformações não forem feitas na estrutura curricular, levando em consideração tudo o que compõe a nossa identidade cultural, o que for desenvolvido dentro de sala de aula continuará acontecendo de forma isolada.

Cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais, dos povos indígenas, e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e européia. É preciso ter clareza que o Art. 26 A acrescido a lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecidas pelas escolas. (DCN´Sp.18)

Nosso intuito é ofertar aos nossos alunos negros a possibilidade de conhecer suas origens e se reconhecer através das histórias. Possibilitar também ao professor, encontrar subsídios acerca da cultura afro-brasileira e africana. Para tanto, é necessário que o educador pesquise e dialogue também sobre a questão racial, presente dentro e fora da sala de aula; e fale sobre a não-aceitação da maioria dos estudantes, porque isto acontece e de que forma podemos mudar esta realidade, desconstruindo estereótipos. Dentro de nossas pesquisas, encontramos também o trabalho de onze professores que resultou num rico material: o livro *Superando o Racismo na Escola*.

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte, nos dias atuais, mas também cresce o nível da consciência de que o racismo é maléfico, e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. E a sua postura, crítica como professor, diante desta luta e denúncia, é de fundamental importância. A mídia está anunciando a prisão desses (a), ou daquele (a), cidadão (ã), que discrimina - o (a) outro (a). Mas a impunidade, neste país é tão grande que muitas pessoas ainda não perceberam que existe uma lei severa (se cumprida), que protege a todo (a) e qualquer cidadão (ã) vítima da discriminação racial ou étnica ou de qualquer tipo de preconceito. (OLÍMPIO, 1999, p.41)

A partir dos textos que compõem o livro, foi possível perceber que o brasileiro tem dificuldade de conhecer sua identidade, desconhece suas origens, graças à maneira como a história foi escrita, de forma unitária, presente nos filmes, desenhos, nos livros didáticos e paradidáticos, tendo como centro o europeu, desconsiderando aquelas que não foram escritas como as dos indígenas e comunidades rurais. Nós educadores enfrentamos muitos desafios ao tratar deste assunto, por não termos algo concreto que forma nossa identidade. A escola ainda tem como verdade o que vem escrito nos livros didáticos. Percebemos a valorização da história europeia e estadunidense que prevalece no Brasil e no mundo. Com isso, as identidades não-europeias tiveram suas narrativas voltadas para o exótico, e ainda está presente, podemos vivenciar dentro do currículo escolar.

O texto curricular, entendido aqui de forma ampla – o livro didático e paradidático, as lições orais, as orientações curriculares oficiais, os rituais escolares, as datas festivas e comemorativas – está recheado de narrativas nacionais, étnicas e raciais. Em geral, essas narrativas celebram os

mitos da origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas. Em termos de representação racial, o texto curricular conserva, de forma evidente, as marcas da herança colonial. O currículo é, sem dúvida, entre outras coisas, um texto racial. (SILVA, 2001, p.101-102)

Estamos buscando através da linguagem artística e da literatura, fazer com que parte desta identidade cultural seja passada para os alunos, que a música africana nos aproxime desta cultura, dialogando com a literatura, através da contribuição que o livro de André Neves “Obax” nos traz. Ao desenvolver a música estamos vivenciando o elemento musical “ritmo”, que é muito forte na cultura africana (de um modo geral), além dos sons do corpo do espaço e da natureza. Trazer estas intervenções para a história Obax fará com que o aluno desperte o seu lado criativo, conheça grupos étnicos e culturais, e a influência africana na arte brasileira, como a autora Maria José Lopes da Silva, menciona em seu texto, no livro organizado por Munanga. Com base nestas constatações, procuramos elaborar nosso material didático tendo as atividades de interação voltadas para esses elementos.

Os principais elementos da música africana são de caráter rítmico-percussivo, coreográfico, místico-religioso, vocal, lexical e humorístico. Esses elementos viriam a fazer parte direta da estrutura musical brasileira, dando-lhe novas formas e características representativas. (MUNANGA, 2005, p. 138)

### **1.3. Biografia do Autor**

André Neves nascido em 31 de outubro de 1973 em Recife, autor e ilustrador, mora atualmente em Porto Alegre onde trabalha pesquisa e escreve livros infantis. É formado em relações públicas e artes plásticas. É Artista-Educador e promove várias palestras e oficinas sobre Literatura Infantil e Juvenil. André Neves viaja para todo Brasil para desenvolver sua verdadeira paixão; desenhar para crianças. Suas ilustrações são coloridas e harmoniosas, dando vida à poesia presentes em seus textos. Autor e ilustrador dos livros infantis: *Colecionador de Pedras*, *Um pé de Vento*, *Caligrafia* e *Dona Sofia*, *Lino*, *Maria Peçonha*, *Sebastiana* e *Severina*, entre outros. Escolhemos “Obax” por ser um livro com ilustrações ricas, cores vibrantes,

tendo o continente Africano como o centro, e uma pequena garota que faz com que o aluno se identifique, por ser negra, com birotos na cabeça, penteado comum para muitas crianças. “Birotos” são pequenos cachinhos no cabelo, feitos através de movimentos circulares com os dedos em pequenos tufo de cabelo (SARAVA tatá 29/03/12.).

#### 1.4. O livro *Obax*

*Obax* é um livro ilustrado que fala sobre a história de uma menina da tribo *Obax*, que vivia na savana africana sempre mergulhando em suas aventuras, o livro conta a história da menina *Obax* (que significa flor na África ocidental), que jura ter visto uma chuva de flores. Como o lugar em que vive é conhecidamente árido, é claro que seus amigos e familiares acreditam ser uma invenção da garota, que viaja o mundo para ver novamente uma chuva de flores e provar que o que vira era de verdade. André Neves usa os termos tribo e savana, o que nos leva a uma crítica, sem desvalorizar o livro do autor. Usar o termo tribo e savana pode ser uma maneira de reforçar estereótipo, a partir disto, pesquisamos a respeito destas palavras, chegamos à conclusão que elas podem ser usadas, mas que é importante que o educador ao contar a história, atente-se em explicar para os ouvintes a respeito dos termos, de forma clara e didática, já que estamos falando de um público infantil, que tem em si o imaginário como principal ao ouvir histórias.

**Tribo** Grupo de indivíduos da mesma etnia , cultura e língua que tem história e especificidades comuns mas nenhum ou mínimo poder centralizado . Jocelyn Murray chama atenção para o uso indiscriminado do termo em relação aos povos africanos. O povo Ibo, da Nigéria, com seus 17milhoes de componentes é classificado como “tribo”, enquanto outros grupos étnicos europeus ,muito menores , são dignificados como nacionalidades . No século XIX –lembra - a nação –Estado Zulu, governada por um rei tinha tanto de tribo quanto a Inglaterra de Henrique VIII . Walter Rodney ensina que, no século XIX ,todos os grandes Estados africanos eram já multiétnicos”. (LOPES,2004,p. 658).

É interessante reforçar para os alunos que o continente africano não é um único lugar, visto como país até hoje, para muitas pessoas. Explicar no início da

história que é um continente com muitos países (54 ao todo), e que cada lugar tem sua especificidade.

Ao usar o termo savana, o educador poderá explicar que o enredo de *Obax* é ambientado em uma região específica, de grande extensão de terra e vegetação, com clima particular, árido devido às secas prolongadas, mas que não é o caso de todos os lugares do continente africano. Estas informações precisam ser reforçadas para que a criança não fique confusa ou generalize o continente africano.

O autor André Neves, em entrevista com a colunista Cristiane Rogério, fala sobre seu processo de criação, colocá-los aqui é uma forma de fazer com que o professor conheça melhor a história antes de contá-la para seus alunos.<sup>1</sup> Ao perguntar para o autor quando nasceu *Obax*, André respondeu que foi por acaso, ao apreciar um livro de fotografias sobre uma comunidade africana, disse que se apaixonou visualmente. Ao perguntar sobre suas referências estéticas, e no que os Africanos são uma fonte inesgotável, o autor respondeu que a indumentária africana sempre chamou sua atenção pelo grafismo e pelas cores, nota-se pela riqueza gráfica explorada em seu livro.

André Neves usa em seu livro ilustrações de animais como antílopes, elefantes, e grandes matas. Sabemos que para muitos, o imaginário na maioria das vezes remete-se a uma África como um único lugar, um “grande zoológico”, isto acontece porque fomos condicionados a acreditar nisto, através dos próprios livros didáticos. Como o livro fala sobre a imaginação da menina *Obax*, onde ela anda nas costas de um elefante, talvez, para os alunos ouvintes da história, possa reforçar a idéia de que o continente seja assim. É importante que o professor com sua didática, explique para os alunos que esta não é uma realidade, mostrar o lado desconhecido por eles. Nossa sugestão para o professor devido á questão geográfica, o ideal seja mostrar para seus alunos que a África é mais do que vimos na história, apresentar outros livros que sejam ambientados na África e que mostre as diversas regiões, geograficamente e culturalmente. Percebemos que no livro *Obax*, o autor/ilustrador não deixa claro a região onde a história é contada, isto pode fazer com que o aluno tenha dificuldade de compreender a localização, neste momento o professor terá que fazer as devidas explicações durante a história.

---

<sup>1</sup> Disponível em: (<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0EMI275470-17926,00.html>).

Faremos aqui uma análise do livro, colocando o que para nós é a estrutura do texto, dividindo em tópicos:

- Temática
- Personagem
- Trabalho com a linguagem
- Ilustração

#### **1.4.1. Temática**

O livro é diferenciado por apresentar cenas de uma história passada no continente africano, onde o autor nos proporcionou um passeio pela diversidade e pluralidade.

#### **1.4.2. Personagem**

A pequena garotinha, já traz em seu nome o significado forte, Obax, que significa flor na África ocidental, usa birote no cabelo (como explicamos a cima), o autor colocou a personagem negra como protagonista, uma referência para as crianças ouvintes da história.

#### **1.4.3. Trabalho com a linguagem**

O texto foi escrito para uma linguagem oral, além de estimular a interação e a leitura. O autor trabalha com vocabulário simples, buscando atender o público infantil. Acreditamos que alguns cuidados devem ser tomados quanto a leitura para os alunos, como já discutimos anteriormente, a respeito de termos como “tribo” e “savana”.

#### **1.4.4. Ilustração**

O livro é rico em cores, estampas, e belas ilustrações. Na capa, o autor traz o título com letras grandes e vermelhas além da ilustração da pequena garotinha, que aparece também ao longo da história, como também a pedra, parte importante na



história que nos dá a sensação de estar em alto relevo. A cor forte nas ilustrações e na escrita nos remete o tempo inteiro ao continente.

Segue abaixo uma ficha de avaliação do núcleo de educação étnico-racial da secretaria de educação de São Paulo, especificamente de um projeto chamado Leituraço, voltado para a divulgação e o incentivo à leitura de literatura afro-brasileira e africana nas escolas municipais de 2014. Ficha sugerida pelo professor Vinebaldo Aleixo de Souza Filho e que foi utilizada em uma de suas atividades na aula ministrada no curso de História de África, no qual adaptamos para complementar a análise do livro Obax.

### 1.5. Ficha de Leitura e Avaliação de Obras

<b>INSTRUÇÕES AO AVALIADOR</b>
Os indicadores <b>1</b> , <b>2</b> ou <b>3</b> correspondem a uma escala valorativa ascendente, em que <b>3</b> corresponde ao valor máximo atribuído ao item.

Analista: Jesileine da Silva Valério
--------------------------------------

Título: Obax
Tradução: <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não
Adaptação: <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não
Autor: André Neves
Tradutor / Adaptador: Não
Ilustrador: Andrés Neves
Editora: Brinque Book

Ano de publicação: 2010
Prêmios: Premiado pela Revista Crescer, Prêmio Jabuti, Selo Altamente

<b>PARECER FINAL:</b>	<input type="checkbox"/> RECOMENDADO
	<input checked="" type="checkbox"/> RECOMENDADO COM RESSALVAS
	<input type="checkbox"/> NÃO RECOMENDADO

<b>INDICAÇÃO:</b>	CICLO DE ALFABETIZAÇÃO
	X CICLO INTERDISCIPLINAR
	CICLO AUTORAL
	EJA – CICLO I
	EJA – CICLO II

#### 1.5.1. Quanto ao gênero:

<b>Diários (pessoais ou de viagem)</b>	
<b>Crônicas</b>	
<b>Lendas ou mitos</b>	
<b>Fábulas</b>	
<b>Contos de fada ou de tradição popular</b>	

<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de mistério</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis policiais</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de terror</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de aventura</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de ficção científica</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de amor</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis epistolares</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis autobiográficos</b>	
<b>Contos, romances ou infanto-juvenis de realismo-fantástico</b>	
<b>Contos ou romances clássicos adaptados</b>	
<b>Contos ou romances clássicos</b>	
<b>Textos dramáticos</b>	
<b>Cordel</b>	
<b>Parlendas, Trava-língua, Adivinhas, Trovas</b>	

<b>Quadrinhos</b>	
<b>Poemas infantis</b>	
<b>Poemas</b>	

17

<b>Outros (especificar)</b>	Contos, Convivência Social , Imaginação , Pluralidade
-----------------------------	---

### 1.5.2. Quanto aos Aspectos Gerais:

	1	2	3
Capa:			x
Qualidade gráfica (encadernação, papel, impressão):			X
Projeto gráfico (programação visual):			X
Qualidade da reprodução das ilustrações:			X
Legibilidade dos caracteres:		X	

Estudo crítico, contextualização histórica, notas:	<input type="checkbox"/> sim	X não
Bibliografia:	<input type="checkbox"/> sim	X não
Encartes (suplemento de trabalho ou outros materiais):	<input type="checkbox"/> sim	X não

### 1.5.3. Quanto ao Trabalho Estético com a Linguagem:

<b>Critério</b>	1	2	3

18

O livro demonstra uma exploração artística do tema?		X	
O livro apresenta o uso artístico da língua e do traço?		X	

#### 1.5.4. Quanto às Ilustrações:

Critério	1	2	3
As ilustrações complementam e ampliam o sentido do texto?			X
As ilustrações estão isentas de estereótipos ou preconceitos?		X	

#### 1.5.5. Quanto à Temática:

Critério	1	2	3
O livro aborda aspectos da história e cultura afro-brasileira e africana, de modo a contemplar as contribuições destas populações à formação do Brasil?		X	
Os livros articulados à tradição oral explicitam o grupo étnico/nacionalidade de origem?	X		

#### 1.5.6. Quanto à Construção das Personagens:

Critério	1	2	3
O livro está isento de estereótipos sobre a população negra?		X	

A caracterização das personagens valoriza a diversidade social, cultural e étnica?		X	
--	--	---	--

### 1.5.7. Quanto ao Discurso:

Critério	1	2	3
O livro apresenta um discurso <i>sobrenegro</i> (como tema) ou <i>donegro</i> (como sujeito)?			X

### 1.5.8. Quanto ao conjunto da obra:

Critério	1	2	3
O livro contribui para o fortalecimento/construção de uma identidade positiva da população negra?			X

## 1.6. Descrição e Recurso didático

Este material didático foi produzido para professores da educação infantil, o livro *Obax* segundo André Neves, foi pensado para crianças a partir de cinco anos até doze anos. Diante desta informação, estipulamos o material para professores de literatura, onde o mesmo pode explorar a história com seus alunos, professores de música, já que trabalhamos nesse processo de inserir músicas com dinâmicas voltadas para o ensino da musicalização, para professores de artes que trabalham com todas estas vertentes, claro, os contadores de história, que podem contar a histórias usando o livro como suporte ou poderá usar de suas técnicas e criatividade.

A segunda parte, que é o material didático, vem com as partes da história e com suas possibilidades de interação, selecionamos músicas que tivessem relação de alguma maneira com o conto, ainda que informalmente. Dispusemos quatro músicas em três momentos, no início, meio e ao finalizar a contação. As músicas foram pensadas sem intenção de aprofundar numa região específica do continente

africano. Disponibilizamos algumas imagens do livro *Obax*, além das partituras dos trechos musicais que selecionamos e os instrumentos que podem ser utilizados na história, falando de forma sucinta sobre cada um deles e até mesmo da possibilidade de criação de alguns instrumentos com os alunos.

Durante nossa pesquisa, encontramos um livro onde tivemos a oportunidade de selecionar algumas músicas que tem atividades de musicalização direcionadas, o livro é da autora Lilian Abreu Sodré e contém um cd com as músicas de países africanos, como neste momento selecionamos apenas alguma delas para criação do material, o educador poderá pesquisar a respeito deste livro, para poder inserir outras atividades que contém nele.

É importante ressaltar que, para melhor resultado ao utilizar este material didático, o professor deverá ter em mãos o livro de André Neves, já que não dispusemos o livro na íntegra, para que seja feita também bom uso das ilustrações presentes no livro. Para realização das atividades musicais que apresentamos o educador também poderá adquirir o livro *Música Africana na sala de aula* da autora Lilian Abreu Sodré, onde encontrará estas e outras atividades mais elaboradas. Ao utilizar este material, o professor deverá estar ciente que as atividades precisarão ser feitas com as crianças antes de contar a história, para que elas aprendam as músicas e os movimentos necessários.

### **1.7. Sugestões de Interação**

Para enriquecer ainda mais este material, deixaremos aqui, sugestões de intervenções para os professores além daquelas que descrevemos, mostrando o que é possível ser feito através do livro. A leitura do livro *Obax*, proporciona aos alunos um mundo imaginário e cheio de curiosidades. O professor pode sugerir que os alunos façam desenhos representando a história, antes mesmo que o professor mostre as ilustrações do livro, ao final, esta comparação poderá ser feita. Além de trabalhar com pesquisas em cima de pontos-chaves que aparecem na história, como a árvore Baobá, o professor poderá junto com os alunos desenvolver um material específico sobre Baobá. Outra sugestão é a criação da boneca *Obax* com a ajuda dos alunos, procurando fazer os traços semelhantes à ilustração do livro.

Pensando nos professores de música, além do que está descrito na segunda parte, pesquisas poderão ser feitas com relação a músicas infantis específicas da região norte do continente africano, onde o autor pensou a história, buscar brincadeiras dos países do norte do continente, que tenha a musicalidade presente. Criar com os alunos suas próprias canções, buscando frases curtas e com repetição, além de melodias simples, o professor poderá fazer a gravação destas pequenas canções com os alunos.

O uso do instrumento musical no continente africano é foi elaborado com o uso de matérias-primas disponíveis em cada região como madeira, tronco de árvores, cabaças, cordas de sisal, couro ferro fundido, bambu, pedras, sementes, peles e ossos de animais. As crianças eram envolvidas com os instrumentos musicais desde muito cedo, por parte da família, das brincadeiras e das festividades, com isso a intimidade delas com os instrumentos musicais feitos destes materiais. Tocar e cantar eram (e continua sendo) algo prazeroso. Pensando nisto, deixaremos aqui outra sugestão de atividade que é a criação de alguns instrumentos, que podem ser feitos dentro da sala de aula, na segunda parte deste trabalho estará descrito formas de fazer alguns destes instrumentos.

## **1.8. Considerações Finais**

Este não é um material acabado, pensando que o mesmo tem várias possibilidades para serem desenvolvidas e acrescentadas, espera-se que este seja uma das inúmeras opções que o professor tem de possibilitar a construção do conhecimento do aluno. O material foi desenvolvido com o intuito de atender a lei 10.639/03, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, bem como se refere aos contos e a musicalidade.

É importante salientar que dificuldades foram encontradas para realização deste projeto, no sentido de encontrar materiais que não reforçasse o estereótipo, que tivesse referências positivas para as crianças, e a diversidade cultural africana. Procuramos selecionar músicas com letras “fáceis” e que pudessem ser adicionadas às atividades usadas na musicalização, para que ficasse mais consistente. Apesar do pouco tempo para realização do projeto, buscamos por uma fundamentação teórica e atividades que envolvessem a musicalização e contação de



histórias (direcionadas a África), pouco encontramos de forma tão aprofundada, assim, o que se propôs, foi contribuir para contemplar a diversidade cultural.

Ao concluir, esperamos que o mesmo servisse para conduzir os professores, com aulas mais interativas, sanando as curiosidades dos alunos e despertando para a construção do conhecimento com relação às outras culturas, enriquecendo a leitura e a contação de história, que está presente dentro e fora da sala de aula. Para isso, é importante que o professor tenha consigo a vontade de ensinar e aplicar a lei, que não fique somente como uma atividade que está dentro do conteúdo, mas que o mesmo se mantenha atualizado e buscando novos conhecimentos e dinâmicas para suas turmas. Como foi dito, este não é um trabalho acabado, mas com muitas possibilidades, de certa forma, é um guia para uma produção ainda maior, envolvendo a música e a literatura. Aproveitem!

## 2. PARTE II – O Material Didático

# *INTERAÇÕES MUSICAIS NO CONTO OBAX*

**Objetivos:** Explorar as diversas culturas existentes na África, introduzir a música e suas possibilidades como linguagem universal na literatura.

**Interdisciplinaridade:** Música, Literatura

**Vivencia que se espera do aluno:** Despertar para a pluralidade cultural existentes no continente Africano

### Primeira parte da história...

Quando o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece, enquanto os homens lavram a terra e as mulheres cuidam de seus afazeres domésticos e das crianças. Ao anoitecer, tudo volta a se encher de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias.



Antes de dar início a história, cantar a música Si Si Kumbalê, canção popular africana interpretada pelo grupo “Risas da Terra”<sup>2</sup>, a música é uma saudação, por isso pensamos em usá-las no início da história. O professor ensina para os alunos a letra e melodia para que possam acompanhá-los. Podem ser usados também os instrumentos “pau de chuva” e “caxixi” apenas para dar efeito sonoro na canção, que fala sobre o agradecimento a terra, os homens preparam a terra, as mulheres logo plantam e ao final todos pedem prosperidade e agradecem a terra. O grupo Risas da Terra é formado por argentinos, que busca trabalhar a cultura geral e as diversidades, fortalecendo a educação através do canto coletivo. Para interpretar a canção, os meninos ficam de um lado e as meninas do outro lado, de frente para eles, todos descalços, enquanto os pés marcam a pulsação da música, as mãos fazem gestos de saudação, do chão até o alto, no ritmo da música.

**Si Si Kumbale...**

**Si Si Kumbalé Le**

**Banma, banma Le, Le...**

**Si Si Kumbalé Le**

**Banma, banma Le, Le...**

**Banma , Banma lengue lengue .**

**Banma, banma lengue, lengue .**

**Banma , banma lengue, lengue .**

**Banma , banma lengue lengue .**

**Donde, donde Kumbalé ,e , kumbale, e , Le.**



<sup>2</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mp9Cxxkh7>

## **Segunda parte...**

(...) ao saírem da cabana, não viram nada. Nem perto, nem longe. Nem mesmo uma pegada se espalhava pela areia. Só havia no chão uma pequena pedra em forma de elefante.

\_ você é mesmo boa de histórias – disse um menino -, nós quase acreditamos.

Obax ficou furiosa e com tanta raiva, que enterrou a pedra no chão para que ninguém nunca mais zombasse de suas aventuras (...)

## **Obonso**

**O obonso nissania - Nós somos crianças**

**Na obonso nissa - E estamos brincando com pedras**

Canção de Gana, usada numa brincadeira semelhante a Escravos de Jó, retirada do livro “Música africana na sala de aula”, da autora Lilian Abreu Sodré, unidade 11. No primeiro momento ensinar letra e melodia. Sentadas em círculos, cada criança deve ter um copo plástico, produzir uma grande variedade de sons, batendo o copo levemente no chão, usar mãos e dedos para percutir na nas bases, laterais do copo. A canção foi selecionada por conta da tradução, e sua semelhança com este momento da história.

## **Terceira parte...**

(...) na manhã seguinte, um bater de asas chamou a atenção de todos. Milhares de pássaros riscavam o céu das savanas.

No lugar onde Obax havia enterrado a pedra, havia nascido um imenso baobá. Mas não era um baobá como os outros, era grosso e forte como um

elefante. Seu tronco enrugado parecia estar desenhado com pequenos detalhes. Sua copa estava repleta de flores coloridas e pássaros nunca vistos por ali.

Ninguém acreditava no que os olhos viam. Quando a pequena Obax se aproximou da árvore, os pássaros bateram asas numa agitação tão forte que as flores começaram a cair, enchendo os olhos da menina do mais puro brilho.

Era uma chuva de flores que forrou a aldeia com um tapete de pétalas perfumado! (...)

**Kamiolê...**

**Kamiolê Kamiolê Kamiolê io lele Kamiolê (duas vezes)**

**Kamiolê uangoaiê Kamiolê io lele uangoaiê ( duas vezes)**

Consegui! Tenho o que queria. Oba, que bom! A Vitória é minha!

Retirada do livro “Música africana na sala de aula”, da autora Lilian Abreu Sodré, unidade 10. Sem região específica canção cantada em marchas dos soldados quando voltam vitoriosos, por escoteiros, usadas também por torcida quando o time tem sucesso. Num primeiro momento o professor canta e os alunos repetem em seguida. Ao estarem seguros quanto ao ritmo e melodia, o professor pode escolher um aluno para fazer o solo. O professor poderá improvisar movimentos para que o aluno imite, como num espelho. É interessante usar também os instrumentos musicais africanos, como o reco-reco, maracás, agogô, para que os alunos tenham contato com os instrumentos que podem ser até mesmo construídos por eles.

## Quarta parte, final da história...

*(...) depois daquele dia, todos passaram a prestar atenção nas histórias de Obax. Ela cresceu forte como o baobá, e na sua chuva de lembranças estava Nafisa, seu grande amigo. Hoje, quem se encosta-se ao tronco dessa árvore sagrada procurando repouso é capaz até de sonhar com suas aventuras (...)*

## Funga Alafia...

**Funga alafia ache ache** Em ti em penso, contigo eu falo

**Funga alafia ache ache** Gosto de ti, somos amigos.

Canção tradicional onde os gestos simbolizam amizade e acolhimento. Retira do livro “Música Africana na sala de aula” da autora Lilian Abreu Sodré unidade 9. As crianças ficam em círculo com pés virados para fora, joelhos levemente flexionados e troncos ereto. Os braços levantados, com palmas das mãos para fora e para os lados, esquerda e direita, encostadas nas palmas dos vizinhos. Segue oito passos para a direita enquanto se canta a canção, mais oito passos para a esquerda, repetindo-se a canção. Selecionamos esta canção para encerrar a história, utilizando o corpo, adequando ao ritmo e a forma musical e a letra.





## Outras possibilidades...

- ✓ O educador ao utilizar este material, pode usar da sua criatividade para explicar aos alunos o significado da árvore Baobá, fazendo pesquisas sobre sua importância para aquela população, atividades de colagem, quebra cabeça entre outras.

A photograph of three baobab trees. They have very thick, columnar trunks and flat-topped canopies. The trees are set against a clear blue sky. The ground is a mix of dirt and sparse green grass.	<p><b>BAOBÁ</b></p> <p>“Grande árvore da família das bombacáceas, nativa da África tropical. De fruto comestível e caule com múltiplas aplicações industriais, é um dos símbolos africanos.” (LOPES, 2015, p. 29)</p>
---	---

- ✓ A savana é o lugar principal onde acontece a história da pequena Obax, o professor poderá junto com os alunos pesquisar as características de uma savana, explicar para os alunos que ela não está presente em todos os lugares do continente é de extrema importância mostrar os lados oposto para que o aluno não tenha uma única ideia do que é a Africana.



✓ Pensando na aula de música, colamos aqui, exemplos de instrumentos musicais para os professores aprofundar com os seus alunos, e algumas possibilidades para ser feitas em sala de aula com material reciclável.



## Alguns dos Ins Musicais Afr

**Afoxé** - Instrumento percussivo composto de uma cabaça com uma rede de contas. O som é produzido quando se gira as contas em um sentido e a extremidade do instrumento.



**Agogô** – Instrumento percussivo, para se tirar som é preciso usar uma baqueta de madeira.

**Cabuletê** - Pequena caixa de ressonância, com couro dos dois lados, e um pequeno cabo. Quando o instrumento é girado, o couro é percutido por duas pequenas



sementes que saem das suas laterais, penduradas por um barbante.



**Caxixi** – Instrumento de percussão que consiste em um pequeno cesto de palha contendo sementes que se entrechocam quando sacudido. É usado no Brasil, em conjugação com o Berimbau.



**Reco-Reco** – Instrumento feito de bambu ou madeira com ranhuras transversais que são friccionadas por uma vareta .



**Berimbau** – Arco feito de uma vara de madeira de comprimento aproximado de 1,50m a 1,70m e um fio de aço (arame) preso nas

extremidades da vara. Em uma das extremidades do fio é fixada uma cabaça que funciona como caixa de ressonância. O tocador de berimbau utiliza uma pedra (também chamado de dobrão) e uma vareta.

**Clava** – Instrumento percussivo correspondente a duas peças de madeira na forma de cilindro que são percutidas uma na outra. Os pigmeus usam clavas rústicas: tocos de madeira sem acabamento .

**Cuíca** – Espécie de tambor com uma haste de madeira presa no centro da membrana de couro, pelo lado interno. Emite sons graves e agudos.



## Criando alguns instrumentos musicais de origem

### **Agogô**

Prender dois copos plásticos duros, um maior e outro menor, pelo fundo, a um sarrafo de madeira ou a uma placa de plástico. Tocar usando um lápis para servir de baqueta. O lápis pode produzir uma sonoridade

diferente colocando-se uma  
borracha na sua ponta.

### ***Clavas***

Cortar e lixar cabos de vassoura de madeira com 20 cm de comprimento. Usar madeiras variadas e assim pesquisar os sons, que serão bem diferentes, proporcionando às crianças a experiência de aprimorar a acuidade auditiva.

### ***Tambor grave e tambor médio***

Usar um galão plástico de água mineral de 20 litros e 10 litros, respectivamente, onde se bate com as mãos.

### ***Cuíca***

Furar o fundo de um copo plástico, nele prender um barbante, grosso envolvido em vela derretida. Ao ser puxado o barbante produz o som.

### ***Maracá***

Em uma garrafa plástica pequena de formato arredondado, colocar um punhado de arroz ou miçangas e encaixar na sua boca, um tubo plástico de pastilhas de chocolate. A decoração pode ser feita na própria sala de aula, com tiras de durex colorido. Outras opções são usar tintas variadas ou Outros materiais disponíveis na aula de artes.

### ***Reco-Reco***

Usar uma garrafa plástica pequena de água mineral com ranhuras, por onde se passa um lápis ou uma vareta de bambu.

### **Tambor de Lata**

Usando fita adesiva, prender uma bexiga esticada na boca de uma lata. Forrar a lata com papel colorido ou guardanapo estampado. Usar um lápis com borracha na ponta como baqueta ou simplesmente beliscar a bexiga para produzir som. Podem ser usados vários tamanhos de lata, com resultados diferentes.

Espera-se que o educador consiga desenvolver da melhor forma e que acrescente suas experiências, pensando em primeiro lugar na formação do conhecimento dos alunos.

*Lunga Alagia*

*Kamialê*

*Obansê*

*Si Si Kumbalê*

*fontaine de l'atlas*



### **3. PARTE III – O Portifólio**

#### **3.1. História de Vida e Memória**

Eu, Jesileine da Silva Valério, graduada pelo curso de licenciatura em música com habilitação em piano pela Universidade Federal de São João Del Rei, professora da rede municipal de Juiz de Fora, cursando pós-graduação em supervisão, gestão e inspeção escolar, candidata ao Curso de especialização com ênfase em “História da África” da Universidade Federal de Juiz de Fora, apresento a seguir minhas intenções em relação ao curso. O motivo que me leva a escolha do curso é acreditar que reconhecer a história da África amplia nossa concepção de mundo e nos permite perceber vários aspectos como; as relações entre povos, regiões e religiões pouco conhecidas e compreendidas, já que tais questões não foram inseridas nos currículos escolares, sem deixar de levar em consideração a riqueza cultural africana.

Negra, aluna de escola pública, alvo de “preconceitos vedados” por esses dois motivos, achava que meninas de pele clara e cabelo liso, eram as melhores, inclusive as escolhidas pelos garotos da escola, comecei alisando o cabelo bem cedo para ficar parecida com as meninas queridinhas da escola. Não tive bonecas negras, havia poucas referencias de professores negros, o que sempre me incomodou. Com o passar dos anos, a maturidade chegando, fui mudando esse conceito, apesar de continuar com alguns questionamentos, pelo fato de ter estudado numa universidade pública com poucos alunos negros.

Nascida e criada no meio evangélico, num meio onde o preconceito quanto à cultura africana é muito forte, pouco aprendi a respeito, fui levada a acreditar durante boa parte da infância que tudo relacionado à cultura não era “coisa de Deus”, não pude participar do pouco que a escola ensinava a respeito, em peças de teatro ou grupos de canto coral, não tinha maturidade suficiente para perceber que essas situações eram preconceituosas. Estudei desde os primeiros anos em escola pública e no contra- turno estudava no conservatório de música, onde várias movimentações artísticas aconteciam, com o passar dos anos e a pouca maturidade, consegui impor

minha vontade de participar dos movimentos artísticos da escola de música, inclusive na parte “folclórica” que sempre foi muito presente na escola. Cresci com muitos questionamentos a respeito de muitas coisas, inclusive das religiões de matrizes africanas, que sempre foi “tabu” dentre no meu convívio social, o fato de ter estudado música foi muito importante para construção do meu conhecimento com relação a estas questões, devido às aulas de história da música e canto coral. Essa vivência só aumentou com o meu ingresso no curso de música da Universidade Federal de São João Del Rei, onde pude apreender sobre diversas culturas e tive contato com vários colegas de diferentes países do continente africano.

Como professora de música, no convívio com a escola e os alunos, não deixo de observar a falta de conhecimento dos alunos em relação à história da África, muitos acham que África é um país, e essa falta de conhecimento gera um discurso sobre até onde vai o conhecimento dos professores sobre os assuntos relacionados à história e cultura afro-brasileira. Com a lei 10.639/03 alterada pela lei 11. 645/08 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, essa realidade está mudando, mas, acredito que ainda tem muito que progredir.

A possibilidade de ingressar no curso de especialização em história da África, me traz grandes expectativas, despertando em mim muitas curiosidades. Acredito que com essa experiência, vou poder passar o conhecimento adquirido no curso para os meus alunos. O professor exerce importante papel no processo de luta contra a discriminação e o preconceito que existe no Brasil, poder garantir essa valorização cultural das matrizes africanas dentro da sala de aula, dentro da minha área que é a música, com um suporte teórico que o curso pode me oferecer, será gratificante pessoalmente e profissionalmente.

### **3.2. Repensando a Aprendizagem**

Dentro da minha prática profissional, como professora de educação musical, existem várias possibilidades de abordar assuntos relacionados à história África, levando em consideração que essa prática está muito distante das escolas, do currículo escolar, inclusive dos conteúdos das aulas de música. Através do curso, das leituras realizadas será possível complementar a minha prática. A música é



uma linguagem universal, um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, comunicação, autoconhecimento, ela está sempre associada à cultura e às tradições de um povo e da sua época. Diante disso, é possível levar para os alunos, discussões e práticas vistas no curso de história da África.

As leituras realizadas no curso são de extrema importância para que possamos desconstruir uma série de ideias na qual nos foram impostas durante a nossa vida como estudante, para que, como profissionais da educação, possamos fazer a diferença para os nossos alunos.

No primeiro módulo, Representações sobre a África foi possível entender melhor sobre o continente africano, o conceito de raça, racionalismo, racismo, a diferença dos povos, as teorias da evolução humana, o imaginário da África, entre outros tópicos. Através destes tópicos e das leituras é possível perceber os “erros” cometidos dentro de sala de aula, principalmente quando se trata da questão racial, a começar pelas pequenas atitudes em volta dos alunos, à maneira como eles lidam com os colegas, os apelidos que eles usam quando se referem ao aluno negro, tendo em vista que eles crescem acreditando que o negro é inferior, a forma que eles aprenderam sobre os escravos, as teorias que foram criadas para justificar o trabalho escravo assim como o imaginário, os alunos talvez por influência de pessoas próximas, dos pais, assim como a mídia e os livros didáticos, imagina a África como um único e pequeno lugar, cercado de animais, matas, pobreza extrema. Acredito que, o primeiro passo para a mudança está na didática do professor, esta mudança é no sentido de querer fazer com que estes temas sejam abordados de maneira clara e cotidianamente, muitos alunos não conhecem suas origens. A maior dificuldade dos professores, inclusive a minha, é inserir essas informações que muitas vezes foram passadas para nós também só agora, desconstruir a forma que aprendemos para passar para os alunos não é tarefa fácil, mas é necessário. Desmistificar a ideia de África que não foi criada pelos africanos e sim pelos europeus.

No módulo “Memória, Identidade e Cultura Escolar”, discutimos sobre o cotidiano e a reinvenção curricular, as disciplinas e as formas de ensino, os materiais didáticos e as diversas formas de avaliar, tivemos a oportunidade de ver os trabalhos realizados por diversos professores e as possibilidades de trazer também

para a nossa prática, falamos sobre a dificuldade das escolas de aceitar os projetos criados por nós professores quando se trata de história da África.

Uma das atividades mais interessantes trabalhadas no curso foi desenhar num papel em branco o esboço do mapa da África e fazer as colocações dos países do continente africano de acordo com o nosso conhecimento, o resultado foi assustador, e ao mesmo tempo muito importante para entender que sabemos tão pouco a respeito e que se estamos ali é para trabalhar essas questões, muito do que consegui fazer está relacionado com o que vi ali mesmo no curso. O fato é que, mesmo não sendo das áreas de história ou geografia, questões como esta era para ter sido abordada durante a minha trajetória como estudante da educação básica e não foi bem assim, tudo que vi foi de forma superficial, é o que acontece com os alunos atualmente e se estamos neste curso é para mudar esta realidade.

Entre os módulos, diante das leituras e discussões, tratamos diversas vezes sobre a palavra resistência, a forma conceitual, o vocabulário. Usamos a palavra resistência muitas vezes como forma de defesa, luta contra ações e ataques. Resistência que também pode ser passada para nossos alunos, como pequenas ações, fazendo com que esses alunos se sintam inseridos na sociedade.

Dentro da minha prática como professora de música, ainda encontro dificuldades para abordar temas como as representações sobre a África, a escravidão, o racismo, as religiões de matrizes africanas entre outros. Acredito que o primeiro passo seja levar para a sala de aula materiais inovadores sobre os temas, livros didáticos, trabalhar com o lúdico, buscar levar músicas que retratem essas questões não só em datas específicas. Não ignorar os questionamentos dos alunos, e sim buscar com eles as informações necessárias, todas estas questões estão sendo repensadas por mim, para que assim como eu, esses alunos não cresçam cheio de dúvidas, tendo respostas distorcidas, de forma superficial, sem nenhum aprofundamento.

### **3.3. Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas**

Existem inúmeras possibilidades para intervenções sobre a História da África na sala de aula, acredito que as primeiras são através do trabalho da identidade

cultural, levando em consideração os temas do curso. A escola ainda tem a prática de desenvolver este tema somente na semana da consciência negra, o que não deixa de ser importante, mas não é o suficiente para que o aluno absorva todas as informações. O interessante é fazer com que esse trabalho seja feito cotidianamente e com naturalidade.

Sobre as primeiras intervenções, começo a desconstruir a ideia dos alunos que África é um lugar pequeno, com grande mata, bichos, é o que sempre ouço durante minhas aulas. Ainda esta semana, falando com os alunos sobre os instrumentos musicais de origem africana, ouvi de alguns alunos, que na África as pessoas não usam calçados e que lá é um grande zoológico, com muitos elefantes e hipopótamos. Minha forma de intervir foi mostrar a África que eles desconhecem, mesmo não sendo conteúdo específico da minha aula, levei a turma para a sala de mídia e primeiramente mostrei o mapa da África, explicando que é um continente e que lá existem muitos países, cidades com grandes centros e nesses grandes centros existem muitos edifícios e que as pessoas andam bem vestidas, todos olharam com espanto, ficaram maravilhados com as informações, a partir daí conseguimos entrar no nosso conteúdo e pude apresentá-los aos instrumentos e os grandes cantores da música africana.

Existem muitas propostas para ser apresentadas nas escolas dentro do conteúdo de educação musical, entre elas; o uso de músicas infantis africanas, os jogos musicais africanos, as cantigas de roda africana, a música presente nas religiões de origem africana etc. No momento, estou explorando com os alunos da educação básica o livro “Música africana na sala de aula: cantando e dançando nossas raízes negras” este livro é da autora Lilian Abreu Sodré, é interessante, pois contém músicas com letras fáceis de trabalhar com os alunos e muito movimento, a atividade vem especificada com a tradução e a região onde cada uma foi criada. O objetivo é fazer um compilado dessas atividades, ensaiar com os alunos e apresentar para a escola. Dentre as músicas do livro as que mais me interessou para desenvolver esse trabalho foi:

**A) Shosholoza** (canção folclórica da África do Sul, tradicionalmente cantada em situação de trabalho braçal no estilo de pergunta e resposta).

**Contribuição pedagógica:**

- Desenvolvimento da concentração e sincronia rítmica
- Desenvolvimento e percepção de frases musicais por meio de movimentos.

**Letra:** Kulezuntaba stimela sifume South África

Uenu Yabaleka

Kulezuntaba stimela sifume South África

**Tradução:** Abram espaço, abram espaço

Corram rápido por essas montanhas, trem vindo da África do Sul

Você está fugindo por essas montanhas.

Corra rápido por essas montanhas, trem vindo da África do Sul.

**B) Funga alafia** (Canção tradicional de boas-vindas. Sabe-se que é uma canção usada para recepcionar os visitantes, com gestos que simbolizam amizade e acolhimento).

**Contribuição Pedagógica:**

- Desenvolvimento da lateralidade e coordenação motora
- Desenvolvimento da percepção espacial
- Utilização do corpo para adequar o movimento ao ritmo e à forma musical

**Letra:** Funga alafia ache ache

Funga alafia ache ache

**Tradução:** Em ti eu penso, contigo eu falo

Gosto de ti somos amigos.

Recentemente fui convidada para desenvolver o trabalho de diretora musical de um projeto chamado “caravana de histórias”, formado por professores da rede municipal de Juiz de Fora, sob a direção geral do professor Cristiano, que atua na área do teatro. O projeto começou com oficinas semanais de contação de histórias e ganhou o reconhecimento de muitas instituições dentro e fora da cidade.

Conseguimos levar as histórias principalmente para o público infantil, com teor musical muito forte. Atualmente estamos trabalhando no espetáculo “Obax”, um conto africano, onde estou pesquisando músicas infantis e saudações africanas para colocar na história, é com esse espetáculo que pretendo desenvolver meu trabalho de conclusão de curso, onde terá como objetivo principal um levantamento das músicas infantis que podem ser utilizadas na sala de aula e também, procurando perceber o que esta história desperta nas crianças da platéia, levando em consideração que a história é muito rica, assim como todo o conjunto que a compõe , músicas, movimentos corporais e figurino.

Obax é um livro ilustrado que fala sobre a história de uma menina da tribo Obax, que vivia na savana africana sempre mergulhando em suas aventuras, o livro conta a história da menininha Obax (que significa flor na África ocidental), que jura ter visto uma chuva de flores. Como o lugar em que vive é conhecidamente árido, é claro que seus amigos e familiares acreditam ser uma invenção da garota, que viaja o mundo para ver novamente uma chuva de flores e provar que o que vira era de verdade. Pensando que o trabalho de conclusão de curso é voltado para construção de material didático, optei por utilizar a prática que estou exercendo no momento, unir os contos com a parte musical, deixando as histórias infantis ainda mais ricas e com mais possibilidades para o trabalho dos professores. Pesquisar e criar material são a melhor forma de reunir conteúdo para explorar com os nossos alunos.



Espectáculo "Obax" do grupo de contação de histórias "Caravana de História"



Espectáculo “Obax” do grupo de contação de histórias “Caravana de História”

Reconhecendo os instrumentos musicais de origem africana (aluno do 2º ano do CAIC Rocha Pomba – Juiz de Fora)



Jogo da Memória dos instrumentos musicais, reconhecendo os instrumentos de



origem africana (alunos do 2º período do CAIC Rocha Pombo- Juiz de Fora)

Reconhecendo os instrumentos musicais de origem africana (alunos do 2º ano do  
CAIC Rocha Pomba – Juiz de Fora)





### **3.4. Considerações Finais**

No curso de pós-graduação em História da África, tive a oportunidade de desconstruir muitas coisas que foram impostas durante a minha criação, tanto na escola, em casa e na igreja que frequentava. Pude me encontrar através de aulas que me levaram primeiramente a entender minha origem.

Antes do curso, tinha uma preocupação em abordar temas com os meus alunos a respeito da História da África, onde eu pudesse levar para eles assuntos como escravidão, racismo, religiões, de forma a não inferiorizar o continente africano, fazer com que eles conhecessem um pouco de cada país, levar para eles o lado do continente que eles não conheciam que não foi exposta nos livros didáticos, a riqueza de todos os países e a contribuição para a história. Apesar de já ter essa preocupação antes do entrar para o curso, não tinha tanto embasamento, através deste ingresso, pude recolher um material consistente, várias bibliografias. Pude tirar minhas dúvidas com professores de diversas áreas, e essa aprendizagem não para por aqui, estamos a todo tempo em busca de conhecimento.

A criação do material didático no trabalho de conclusão de curso, só fez aumentar a vontade de levar esse curso a diante, fazer com que seja prática diária dentro da minha profissão. Buscar ideias para criar diversos materiais, dentro da minha área de atuação, fazer com que a história da África seja inserida no contexto

escolar no dia a dia, não só em datas específicas, e que não fique somente no papel em forma de lei. Que assuntos como religiões de matrizes africanas não seja “tabu” dentro do meu convívio social e dentro da minha sala de aula. É interessante saber que sou “modelo” para os meus alunos e que eles procuram se reconhecer através de mim e das minhas aulas, procurar melhorar e levar conteúdo para eles é uma forma de fazer com esses alunos sintam-se inseridos na sociedade e a vontade para falar sobre assuntos para eles cheios de dúvidas ou até mesmo desconhecidos.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Lilian Rocha de Abreu Sodré. **Música Africana na sala de aula; cantando tocando e dançando nossas raízes negras.** 1. ed São Paulo: Duna Dueto, 2010.

<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0EMI275470-17926,00.html>

LOPES, Nei. Tribo. In: \_\_\_\_\_. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana.** [São Paulo: Selo Negro, 2004, p. 658]

LOPES, Nei. Baobá. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário Escolar Afro-brasileiro.** 2º ed. São Paulo: Selo Negro, 2015, p. 29.

MUNANGA, kabengele, **Superando o racismo na escola. 2ª ed revisada.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília. 2005.

OLIVA, Anderson Ribeiro, **O que as lições de História ensinam sobre a África?** Revista Solta a Voz, v.20, n.2. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. O currículo como narrativa étnica e racial. In: \_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade:** Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 99-104.

SOUSA, Andreia Lisboa de. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLERO, Eliane. (org). **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 195-213.